

SANTOS, Milton. *Por uma Outra Globalização. Do Pensamento Único à Consciência Universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Considerado um dos principais pensadores brasileiros da atualidade, Milton Santos consegue trilhar com impecável desenvoltura caminhos tão árduos e carregados de conflitos internos quanto a geografia humana e a economia, a cultura popular e o urbanismo, a tecnologia e a universidade. A esse rol de temas nem sempre condescendentes para com um pensador – por mais multisciente que ele seja – acresce-se agora, no caso de Milton Santos, o da globalização, consagrado em seu mais recente livro, *Por uma Outra Globalização*.

Trata-se de uma tentativa de interpretação do mundo contemporâneo pelo viés do processo de globalização, num percurso geográfico que vai da África à Ásia, da Europa à América Latina, a partir de perspectivas tão variadas quanto as das geografias humana, política e econômica, o que faz jus tanto ao assunto tratado quanto à formação do autor, geógrafo internacionalmente reconhecido.

O livro, na verdade, compõe-se de uma série de artigos anteriormente publicados em periódicos e jornais diversos, enfiados em volume único pelo critério temático e por uma intransigente revolta contra as injustiças ocasionadas por um processo de globalização realizado, como o próprio autor ressalta já no final de seu volume, “de cima para baixo”.

Com uma linguagem simples e clara, pode-se dizer que o livro se divide em duas partes, melhor ainda, em dois juízos opostos: um, pessimista, que perpassa deliberadamente quase toda a obra, já que ressalta os abusos e as incongruências de todo o processo abordado; outra, otimista, que busca indicar saídas e soluções para as contradições nascidas do que o autor considera “uma globalização perversa”.

O assunto não é exatamente novo, tendo sido os limites da globalização na América Latina e particularmente no Brasil, bem como suas conseqüências malélicas, analisados por outros

estudiosos do assunto, como é o caso de Celso Furtado em sua última obra.¹ Porém, Milton Santos procura dar novas dimensões para o problema, adotando uma perspectiva muito mais “geográfica” do que puramente econômica.

O autor parte da convicção do papel desempenhado pela ideologia na produção, disseminação, reprodução e manutenção da atual globalização. Propõe, assim, uma visão tripartite da globalização: a globalização como fábula (refere-se ao mundo como nos fazem vê-lo), como perversidade (refere-se ao mundo como ele é de fato) e uma outra globalização (refere-se ao mundo como ele pode ser). Sobre a primeira, lembra que há uma ideologia por trás do processo de globalização atual que a apresenta como fábula, buscando a manutenção do sistema e o culto do consumo. Sobre a segunda, lembra que, ao contrário do que parece, a globalização tem efeitos práticos, como o aumento do desemprego e da pobreza, diminuição do salário médio, aumento da mortalidade infantil etc. Trata-se de uma “perversidade sistêmica”, que tem relação com o sentido de competição desenfreada que caracterizam as atuais ações hegemônicas. Sobre a terceira, sugere a adoção de uma “globalização mais humana”, cujo êxito já aparece indicado em alguns fatos que podem ser verificados atualmente, como a sociodiversidade (mistura de raças, crenças, filosofias, culturas), presentes na maior parte das regiões do planeta e a emergência da cultura popular.

Falando sobre a produção da globalização, o autor destaca a homogeneidade como seu substrato ideológico. Para o autor, portanto, a globalização seria “o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista”, processo que deve ser compreendido a partir das seguintes premissas: a da unicidade técnica (pela primeira vez na história haveria um conjunto de técnicas que envolve todo o planeta e se faz sentir instantaneamente), a da convergência dos momentos (a possibilidade de se estar sempre em contato com tudo o que se passa no entorno), a do motor único (espécie de mais-valia universal, atuando como motor único das ações globais, possível graças à mundialização dos produtos, do dinheiro, do crédito, da

¹ FURTADO, Celso. *O Longo Amanhecer. Reflexões sobre a Formação do Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

dívida, do consumo etc.) e a da cogniscidade do planeta (a possibilidade de se conhecer o planeta extensiva e aprofundadamente, o que é de suma importância para a atuação das empresas e para a produção atual).

Nesse contexto, as mudanças ocorridas nos últimos anos teriam contribuído para o surgimento de uma “globalização perversa”, construída sobre dois pilares: o modo como a informação é passada e a emergência do dinheiro como motor da vida econômica e social. Trata-se, portanto, de dois tipos de violências, a *violência da informação*, segundo a qual as informações são passadas à humanidade de modo manipulado, apresentando-se, antes, como ideologia; e a *violência do dinheiro*, que se assenta na especulação intrínseca ao sistema financeiro. Esses fatores têm como consequência, entre outras coisas, a proliferação de “percepções fragmentadas” da realidade e o estabelecimento de um “discurso único” no mundo.

Tudo isso, evidentemente, tem uma relação direta como aspectos financeiros dominantes, temática aliás já ressalta, em comentário ao mesmo livro, por José Luís Fiori, segundo o qual uma das tônicas do livro de Milton Santos consiste na “centralidade atribuída às transformações no campo monetário-financeiro, no qual se concentra (...) o núcleo duro do que se nomeia por globalização”.²

O autor aponta ainda outros componentes do que chama de globalização perversa, como a competitividade desenfreada, a manipulação consumista, o despotismo da informação, o ideário tecnicista, tudo com consequências imediatas e perniciosas nas relações humanas: “na esfera da sociabilidade, levantam-se utilitarismos como regra de vida mediante a exacerbação do consumo, dos narcisismos, do imediatismo, do egoísmo, do abandono da solidariedade, com a implantação, galopante, de uma ética pragmática individualista”.

Não se pode negar que essa questão aventada tenha relação direta com a problemática da ética. A maior crítica à globalização, nessa obra, no final das contas, é exatamente em relação à falta de uma ética - talvez a mesma ética que, segundo

² FIORI, José Luís. “A Grande Mutação. Milton Santos reinterpreta o Fenômeno da Globalização”. *Folha de S. Paulo/Jornal de Resenhas*, São Paulo, jun./2000, p. 08.

Weber, rege “o espírito capitalista especificamente moderno”³ - a nortear todas as transações comerciais internacionais. Portanto, uma ética totalmente contrária à ação inescrupulosa da competição desigual e da busca indiscriminada do lucro. Assim, embora não diga isso claramente, para Milton Santos a questão ética acaba sendo a pedra de toque da globalização. O fato de, por exemplo, segundo o mesmo autor, o consumo e a informação ideologizados serem “o motor de ações públicas e privadas”, emerge como uma crítica com inegável componente ético. Com efeito, mais do que uma falta de ética, a globalização pressupõe uma nova ética, agora entendida apenas como padrão de comportamento, logo sem valor moral: a ética do consumo e da competição.

Esse estado de coisas levam, fatalmente, ao que o autor considera uma “violência estrutural” e uma “perversidade sistêmica”, muito mais incisivas do que as violências periféricas e do que as distorções de personalidade circunstanciais. Ambos os conceitos fazem parte de “novas virtudes pragmáticas”, para o triunfo das quais “o ideal de democracia plena é substituído pela construção de uma democracia de mercado, na qual a distribuição do poder é tributária da realização dos fins últimos do próprio sistema globalitário”.

Por essas e outras razões, a globalização representa uma ruptura no processo de evolução social e moral por que vinha passando a humanidade durante séculos, matando a noção de solidariedade, devolvendo o homem a uma condição primitiva, reduzindo a nada as noções de moralidade pública e particular. Além disso, assiste-se a um processo sistemático de eliminação das rígidas fronteiras territoriais, enfraquecendo a natureza dos Estados nacionais e tornando-os mais flexíveis a interesses espúrios. A consequência mais imediata desse fato é a instauração e globalização de uma “pobreza estrutural”.

O autor já tratara, anteriormente, da questão da pobreza no Novo Mundo, sobretudo associada à emergência da metrópole e a processos amplos de urbanização, quando então as cidades tornam-se um “teatro de conflitos crescentes”.⁴

³ WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo, Pioneira, 1999, p. 56.

⁴ SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo, Hucitec, 1994, p. 11.

É a partir desse vínculo entre espaço territorial e pobreza que Milton Santos procura entender o processo atual de globalização, afirmando que, nesse contexto globalizado, o território ganha novos contornos, características e definições. Nesse sentido, a globalização imporia novas lógicas à evolução territorial, tornando todo e qualquer espaço geográfico funcional às necessidades dos Estados e empresas poderosos. Há, portanto, um processo de fragmentação dos territórios nacionais.

Segundo uma vertente teórica da globalização, estes territórios encontrar-se-iam em franca competitividade, mas o que ocorre mesmo – de acordo com o geógrafo – é uma competitividade entre empresas que se digladiam entre si em busca do melhor espaço para ser explorado economicamente: “a competitividade acaba por destruir antigas solidariedades, frequentemente horizontais, e por impor uma solidariedade vertical, cujo epicentro é a empresa hegemônica, localmente obediente a interesses globais mais poderosos e, desse modo, indiferente ao entorno”. No caso específico do Brasil, pode-se perceber, por exemplo, uma grande vulnerabilidade das regiões agrícolas, que funcionam em razão de lógicas distantes e externas, em obediência aos setores e às empresas que conduzem a economia globalizada. Nas suas próprias palavras, “sob o impulso da competitividade globalizadora, produzem-se egoísmos ou regionais exacerbados, justificados pela necessidade de defesa das condições de sobrevivência regional, mesmo que isso tenha de se dar à custa da idéia de integridade regional”.

Há, em todo esse discurso, um substrato ideológico que resgata a idéia de uma dominação dos países periféricos por países desenvolvidos, só que agora se trata de uma dominação muito mais virulenta. O tema já fora também tratado pelo autor durante a década de sessenta, época de revolta estudantis e movimentos mais ou menos organizados contra domínios estrangeiros na América Latina, os quais eram, via de regra, considerados pela intelectualidade nativa como verdadeiros processos de colonização.⁵

⁵ Cf. SANTOS, Milton. "Mecanismos de Crescimento Urbano nos Países em Vias de Desenvolvimento". *América Latina*. Rio de Janeiro, Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, Ano 12, No. 04: 134-148, Out./Dez. 1969.

Não obstante todo o quadro pessimista – compreensivelmente pessimista – acima apontado, o autor afirma que, diante das diferenças existentes entre todos os países, culturas e economias que compõem o planeta, assiste-se, no presente momento, à busca de outras soluções para as crises criadas pelo processo de globalização, o que soa como uma esperança aos países periféricos. Há, a par disso, uma marcada contestação da ideologia hegemônica da globalização, tentando-se reverter o processo que impõe a construção do mundo de cima para baixo. Nascem, assim, propostas de um novo modelo econômico, social e político que conduzam a uma “vida coletiva solidária”, possibilitando a realização de uma *outra globalização*.